

A carriça

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Nos tempos antigos, cada som ainda tinha sentido e significado. Quando o martelo do ferreiro ressoava, gritava: “Atire para mim! Atire para mim!” Quando a plaina do carpinteiro rangia, dizia: “Aí tem! Aí, aí tem!” Se as engrenagens do moinho começavam a bater, diziam: “Ajude, Senhor Deus! Ajude, Senhor Deus!” E, se o moleiro era um trapaceiro e punha o moinho em movimento, ele falava alto-alemão e primeiro perguntava devagar: “Quem está aí? Quem está aí?” Depois respondia depressa: “O moleiro! O moleiro!” E, por fim, bem ligeiro: “Rouba com vontade, rouba com vontade, de cada Achtel, três Sechter.”

Naquele tempo, as aves também tinham sua própria língua, que todos entendiam; agora soa apenas como gorjeios, guinchos e assobios e, em algumas, como música sem palavras. Mas as aves tiveram a ideia de que não queriam mais ficar sem senhor e elegeriam entre si o seu rei. Só uma delas, o abibe, era contra: vivera livre e queria morrer livre; voando de um lado para o outro, angustiado, gritava: “Onde vou ficar? Onde vou ficar?” Retirou-se para pântanos solitários e sem visitantes e não voltou a aparecer entre seus semelhantes.

As aves quiseram então discutir o assunto e, numa bela manhã de maio, vieram todas das florestas e dos campos: a águia e o tentilhão, a coruja e a gralha, a cotovia e o pardal; para que nomeá-las todas? Até o cuco veio, e a poupa, seu sacristão, assim chamada porque sempre se faz ouvir alguns dias antes; também um passarinho bem pequeno, que ainda não tinha nome,

misturou-se ao bando. A galinha, que por acaso não ouvira nada sobre o assunto, admirou-se com a grande reunião.

— O quê, o quê, o que há para fazer ali? — cacarejava, mas o galo tranquilizou sua querida galinha e disse:

— Só gente rica —, e também lhe contou o que pretendiam.

Ficou decidido que seria rei aquele que pudesse voar mais alto. Uma perereca, que estava no arbusto, ao ouvir isso, gritou como advertência: “Molhado, molhado, molhado! Molhado, molhado, molhado!”, pois achava que por causa daquilo muitas lágrimas seriam derramadas. A gralha, porém, disse: “Bobagem também!” Tudo deveria transcorrer em paz.

Decidiram então subir logo naquela bela manhã, para que depois ninguém pudesse dizer: “Eu teria voado ainda mais alto, mas chegou a noite, e então não pude mais.” Assim, a um sinal, o bando inteiro se elevou nos ares. A poeira levantou-se do campo; houve um tremendo zunido, estrondo e bater de asas, e parecia que uma nuvem negra passava. As aves menores, porém, logo ficaram para trás, não conseguiram ir adiante e caíram de novo na terra. As maiores resistiram mais tempo, mas nenhuma conseguiu igualar a águia, que subiu tão alto que poderia ter arrancado a bicadas os olhos do sol. E, quando viu que as outras não conseguiam alcançá-la, pensou: “Para que você quer voar ainda mais alto? Já é o rei”, e começou a descer.

Todas as aves abaixo dela lhe gritaram imediatamente:

— Você deve ser nosso rei, ninguém voou mais alto que você.

— Exceto eu! — gritou o pequenino sem nome, que se escondera nas penas do peito da águia. E, como não estava cansado, subiu e subiu tão alto que pôde

ver Deus sentado em sua cadeira. Quando chegou até lá, porém, fechou as asas, desceu e gritou lá embaixo com sua voz fina e penetrante:

— Eu sou o rei! Eu sou o rei!

— Você, nosso rei? — gritaram as aves, furiosas. — Só chegou lá por intrigas e artimanhas.

Estabeleceram outra condição: seria seu rei aquele que conseguisse cair mais fundo dentro da terra. Como a gansa bateu de novo no chão com seu peito largo! Como o galo cavou depressa um buraco! A pata se saiu pior que todos: saltou numa vala, mas deslocou as pernas e foi andando desajeitada até o lago próximo, exclamando: “Serviço miserável! Serviço miserável!” O pequenino sem nome, porém, procurou um buraco de rato, enfiou-se nele e gritou lá de dentro com sua voz fina:

— Eu sou o rei! Eu sou o rei!

— Você, nosso rei? — gritaram as aves ainda mais furiosas. — Acha que suas artimanhas devem valer?

Decidiram mantê-lo preso no buraco e matá-lo de fome. A coruja foi posta como guarda diante dele: não devia deixar o malandro sair, se prezava a própria vida. Mas, quando a noite chegou e as aves se sentiram muito cansadas com o esforço do voo, foram para a cama com mulher e filhos. Só a coruja ficou junto ao buraco de rato, olhando fixamente para dentro com seus grandes olhos. Nesse meio-tempo ela também ficara cansada e pensou: “Você pode fechar um olho, pois ainda vigia com o outro, e o pequeno malvado não sairá de seu buraco.” Assim, fechou um olho e ficou olhando firmemente para o buraco com o outro. O pequenino pôs a cabeça para fora e quis escapulir, mas a coruja se colocou imediatamente diante dele, e ele recolheu de novo a

cabeça. Então a coruja abriu aquele olho e fechou o outro, querendo alterná-los assim durante a noite inteira. Mas, quando tornou a fechar um olho, esqueceu-se de abrir o outro, e, assim que os dois olhos ficaram fechados, adormeceu. O pequenino logo percebeu e escapou.

Desde então, a coruja não pode mais aparecer de dia; senão, as outras aves a perseguem e lhe desgrenham a pelagem. Ela só sai voando à noite, mas odeia e persegue os ratos, porque fazem buracos tão malditos. O passarinho também não gosta de aparecer, pois teme que lhe custe o pescoço se for apanhado. Esgueira-se pelas cercas e, quando está bem seguro, às vezes grita: “Eu sou o rei!” Por isso, as outras aves o chamam, por zombaria, de “rei das cercas”.

Mas ninguém ficou mais contente que a cotovia por não ter de obedecer ao rei das cercas. Assim que o sol aparece, ela sobe aos ares e grita: “Ah, como isso é bonito! Bonito é isso! Bonito! Bonito! Ah, como isso é bonito!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-carrica>